

Ex-missionário nega que vá evangelizar índios

Ricardo Lopes Dias diz que aceitou convite da Funai para coordenar setor responsável por política para povos indígenas em isolamento, mais vulneráveis a doenças e agentes externos. Nomeação ainda não foi publicada

LEANDRO PRAZERES
leandro.prazeres@sbz.oglobo.com.br
BRASILIA

O ex-missionário evangélico e antropólogo Ricardo Lopes Dias, convidado para ocupar a coordenação-geral de índios isolados da Fundação Nacional do Índio (Funai), diz que, caso seja nomeado para o cargo, não vai promover a evangelização de indígenas.

— Minha atuação vai ser técnica. Não vou promover a evangelização de índios — afirmou Dias ao GLOBO.

Em entrevista, Ricardo Lopes Dias confirmou que recebeu um convite do presidente da Funai, Marcelo Xavier, para ocupar o cargo, e que já aceitou o chamado. Sua nomeação, no entanto, ainda não aconteceu.

A coordenação-geral de índios isolados e de recente contato é um dos postos mais importantes na hierarquia da Funai. Ele é responsável pelo gerenciamento das 11 frentes de proteção etnoambiental e de 19 bases espalhadas pela Amazônia onde há registros sobre a presença de índios isolados ou contactados recentemente.

Esses indígenas são considerados os mais vulneráveis, por não terem proteção imunológica contra várias doenças e por habitarem terras cobertas por caçadores, garimpeiros e madeireiros. De acordo com a Funai, o Brasil tem 114 registros de índios isolados, isto é, aqueles que não mantêm contato com a sociedade envolvente, voluntariamente ou não.

Questionado se iria mudar a política de não contato adotada pelo governo brasileiro desde o final dos anos 1980, Ricardo Lopes Dias tentou evitar uma resposta concreta e se limitou a dizer que não vai “mudar o que vem dando certo”.

De acordo com seu currículo na plataforma Lattes, Ricardo Dias é graduado em Antropologia, mestre em Ciências Sociais e doutor em Ciências Humanas e Sociais. Mais recentemente, atuava como professor em universidades ligadas a entidades evangélicas em São Paulo e em Goiás. No final dos anos 1990, foi missionário da entidade Missão Novas Tribos do Brasil, conhecida por seu trabalho de evangelização de indígenas.

PROPAGAÇÃO DE DOENÇAS

Em meados dos anos 1990, a entidade foi retirada de uma área no interior do Pará onde ela atuava junto a índios da etnia Zoé. Havia a suspeita de que missionários da entidade teriam sido responsáveis pela propagação de doenças que mataram indígenas até então recém-contactados. Uma investigação foi aberta, mas o caso acabou arquivado.

A possível chegada de Ricardo Lopes Dias ao posto só será possível porque, nesta semana, o presidente da Funai alterou o regimento interno da entidade e mudou os critérios exigidos à ocupação do cargo. Com a alteração, o posto, que só poderia ser ocupado por servido-



Cargo-chave. Registro de tribo isolada no Acre: coordenação que deve ser assumida por Dias é responsável por 11 frentes de proteção etnoambiental pelo país



“Minha atuação vai ser técnica. Não vou promover evangelização de índios”

Ricardo Lopes Dias, ex-missionário, cotado para coordenação-geral de índios isolados da Funai

“É impróprio entregá-la a quem tem, por missão, destruir as identidades culturais (de indígenas)”

Márcio Santilli, ex-presidente da Funai

res públicos efetivos passou a poder ser exercido por pessoas de fora do serviço público, que é exatamente o caso de Ricardo Lopes Dias. A mudança foi criticada por lideranças indígenas, entidades que atuam na defesa dos direitos dos índios e levou a Defensoria Pública da União (DPU) a emitir um ofício em que expressa preocupação com a nomeação.

— Este é mais um dos absurdos desse governo, que tenta a todo custo impor a sua ideologia perversa de integração e assimilação dos povos indígenas. Colocar gente que não tem conhecimento, experiência e sensibilidade para lidar com es-

sas populações isoladas é colocá-los numa situação de maior vulnerabilidade ainda, pois o perigo vem de quem tem o dever de proteger — disse Sônia Guajajara, coordenadora-executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib).

O sócio-fundador do Instituto Socioambiental, Márcio Santilli, que foi presidente da Funai entre 1995 e 1996, também criticou a possibilidade de um ex-missionário ocupar o posto.

— Cabe à Coordenação de Índios Isolados da Funai garantir a sua proteção física e cultural, sendo impróprio e ilegal entregá-la a quem tem, por missão, destruir as

suas identidades culturais e organizações sociais próprias — disse Santilli.

Em nota, a Defensoria Pública da União (DPU) afirmou que o “risco de uma nomeação que não atenda a critérios técnicos é a morte em massa de indígenas, decorrente de doenças a partir do contato irresponsável ou dos conflitos flagrantes com missões religiosas, madeireiros, garimpeiros, caçadores e pescadores ilegais”.

Procurada, a Funai disse que não se manifestaria sobre eventuais indicações para cargos, mas que a coordenação-geral de índios isolados é um posto de livre nomeação do presidente da entidade.

CORPO A CORPO

Ricardo Lopes Dias, ANTRÓPOLOGO E EX-MISSIONÁRIO

‘VOU ATUAR PELO QUE A CIÊNCIA INDICA’

LEANDRO PRAZERES
leandro.prazeres@sbz.oglobo.com.br BRASÍLIA

Ricardo Lopes Dias diz ter sido pego de surpresa com a repercussão em torno da sua provável nomeação à coordenação-geral de proteção aos índi-

os isolados e de recente contato da Funai.

Por telefone, Dias afirmou ao GLOBO que o fato de ser evangélico está sendo usado por críticos à sua

ida ao cargo e que pretende atuar de forma “técnica” caso assumida, de fato, o posto. Sua nomeação ainda não havia sido publicada no Diário Oficial da União (DOU) até a noite de ontem.

O senhor foi ligado à Missão Novas Tribos do Brasil, entidade conhecida por seu trabalho de evangelização de povos indígenas. Pretende levar essa experiência para a coordenação-geral de índios

isolados da Funai?

Minha atuação vai ser técnica. Não vou promover a evangelização de índios.

Mas o senhor é a favor ou contra a evangelização de povos indígenas?

Não tem como eu responder isso de forma rápida sem falar que há uma série de teses sobre o assunto. O que eu posso dizer é que vou conduzir minha atuação pelo que a ciência indica.

Desde os anos 1980, a política oficial adotada pelo governo federal é não estabelecer contato com índios em situação de isolamento. O senhor pretende mudar essa política?

Ainda é cedo para eu falar sobre isso. Na realidade, eu serei apenas um coordenador e terei que implementar a política da direção do órgão. O que eu posso dizer é que não vou mudar o que vem dando certo. É claro que, se hou-

ver coisas que a gente deva mudar, vamos mudar.

Por que o senhor demonstra incômodo com a menção ao seu passado como missionário?

Acho que está havendo até uma discriminação pelo fato de eu ser evangélico. Eu sou antropólogo. Tenho mestrado e acabei de concluir um doutorado. Tenho conhecimento técnico sobre a situação dos índios no Brasil.